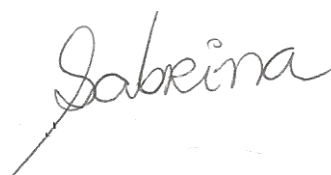


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

RAQUEL SALVADORI SARMENTO

**INTERGERACIONALIDADE DAS PRÁTICAS DE
DISCIPLINA PARENTAIS: FATORES QUE MANTÊM E
FATORES QUE QUEBRAM ESSE CICLO**

A handwritten signature in cursive script, reading "Sabrina". The signature is written in black ink on a white background.

São Carlos - SP

2019

RAQUEL SALVADORI SARMENTO

**INTERGERACIONALIDADE DAS PRÁTICAS DE DISCIPLINA
PARENTAIS: FATORES QUE MANTÊM E FATORES QUE
QUEBRAM ESSE CICLO**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para aprovação na disciplina Pesquisa em Psicologia: Monografia 4.

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca

São Carlos – SP

2019

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e ao meu namorado pelo amor, incentivo e apoio emocional em todos os momentos e aos amigos que participaram direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho. Agradeço à Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de São Paulo pela concessão da bolsa iniciação científica e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. Agradeço de forma especial à minha orientadora Sabrina Mazo D’Affonseca pela parceria, dedicação e correções ao longo do processo.

RESUMO

Sarmiento, R. S. & D’Affonseca, S. M. (2019). *Intergeracionalidade das práticas de disciplina parentais: fatores que mantêm e fatores que quebram esse ciclo* (Monografia). Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil.

Os comportamentos de disciplina e a maneira de se educar os filhos tendem a ser passada de geração em geração, em que os indivíduos reproduzem com seus filhos os comportamentos que seus pais emitiam na sua educação. O presente estudo teve como objetivo verificar as variáveis relacionadas à intergeracionalidade das práticas de disciplina parentais. Para atingir tal objetivo, o estudo foi dividido em dois momentos: uma coleta de dados online do tipo *survey* e a realização de um grupo focal. A *survey* contou com a participação de 35 pais (29 mães e 6 pais) de crianças de 3-6 anos (20 meninas e 15 meninos), recrutados em duas escolas de educação infantil e em redes sociais. Os participantes responderam a um formulário online no qual havia questões relativas à caracterização dos participantes, sobre as práticas de disciplina recebidas na infância dos participantes e as que eles aplicavam na educação dos filhos (Inventário de Dimensão de Disciplina – Versão Retrospectiva e Versão Pais, respectivamente), e um questionário elaborado pela autora com base na literatura da área para identificar variáveis relacionadas à manutenção/rompimento da intergeracionalidade. Os resultados indicaram correlação estatisticamente significativa entre algumas práticas de disciplina utilizada pela mãe e pelo pai do participante e as práticas utilizadas por eles na educação dos filhos. A maioria (77,1%) dos participantes responderam que nunca, quase nunca ou às vezes repetiam com seus filhos as práticas parentais que seus pais utilizavam na sua infância. Os participantes que responderam que não mantêm o ciclo intergeracional atribuíram esse rompimento principalmente ao acesso à informação (69,2%) e avaliação negativa da parentagem dos pais (30,8%). Já os participantes que responderam que mantinham o ciclo intergeracional atribuíram isso principalmente à avaliação positiva da parentagem dos pais (75%), seguido de influência do parceiro e mesmo nível socioeconômico (ambos com 37,5%). As participantes do grupo focal foram recrutadas a partir de um convite disponibilizado no final do formulário utilizado na *survey*. Dos 35 participantes, 9 responderam ao convite e duas mães participaram do grupo focal, o qual ocorreu em um encontro com duração de aproximadamente uma hora. No grupo focal foram apresentados vídeos disparadores para fomentar a discussão sobre o tema e, ao final, foram levados alguns dados da literatura. Ambas as participantes tinham 2 filhos e relataram ter tido dificuldades com a disciplina do filho primogênito, procurando ajuda profissional de psicólogos para ter acesso às informações de disciplina parentais positivas. Além da ajuda profissional, ambas consideraram que o suporte do parceiro e a avaliação negativa das práticas utilizadas pelos seus pais durante a infância das mesmas contribuíram para o rompimento do ciclo intergeracional das práticas parentais. Assim, pode-se verificar uma congruência entre os dados quantitativos obtidos a partir dos instrumentos e dos dados qualitativos advindos do grupo focal, indicando que o rompimento da intergeracionalidade ocorre devido a acesso à informação, auxílio do parceiro e avaliação negativa das práticas de disciplina utilizadas pelos pais. O estudo mostrou-se limitado devido ao número reduzido de participantes e a características sociodemográficas (alta escolaridade e renda). Estudos futuros com um número maior de participantes e com mais diversidade em relação ao nível socioeconômico e escolaridade, de forma a trazer uma maior generalização e compreensão a respeito das variáveis que contribuem para manutenção/rompimento da intergeracionalidade.

Palavras-chave: Intergeracionalidade. Práticas de disciplina parentais. Crianças.

Sumário

1	Introdução.....	06
1.1	Hipóteses.....	12
1.2	Objetivo.....	12
2	Método.....	13
2.1	Medidas avaliativas.....	14
2.1.1	<i>sociodemográficos.....</i>	15
2.1.2	<i>Práticas de disciplina recebidas da infância.....</i>	15
2.1.3	<i>Práticas de disciplina utilizadas pelos pais.....</i>	16
2.1.4	<i>Intergeracionalidade.....</i>	16
2.2	Análise de dados.....	17
2.3	Aspectos éticos.....	18
3	Resultados.....	19
3.1	Caracterização dos participantes.....	19
3.2	Caracterização das figuras maternas e paternas dos participantes.....	19
3.3	Percepção dos participantes quanto as práticas de disciplinas recebidas na infância.....	19

3.4 Práticas de disciplina recebidas na infância e utilizadas pelo participante na educação dos filhos.....	20
3.5 Intergeracionalidade das práticas de disciplina parentais.....	22
3.6 Experiência de parentagem.....	25
3.7 Grupo focal.....	28
4 Discussão.....	33
Referências.....	37
Anexo 1.....	43

INTRODUÇÃO

Todas as crianças passam por um processo de educação desde o nascimento, seja ele feito por pais, avós, tios ou outras pessoas responsáveis por essa tarefa. Cada um possui crenças e valores ligados à cultura e ao contexto em que se desenvolveu, nos quais irá se basear para passar aos filhos os ensinamentos que considera correto (Kobarg, Sachetti & Vieira, 2006; Kobarg & Vieira, 2008; Moreira & Biasoli-Alves, 2006).

Assim, traçar um modelo ideal de como educar os filhos é um trabalho complexo, uma vez que há muitos fatores que influenciam as práticas parentais, entre eles estão: a condição socioeconômica da família, a extensão e o tipo de configuração familiar, a rede de apoio social, as características de temperamento e personalidade dos filhos e dos cuidadores, abuso de substâncias químicas, presença de doenças físicas e/ou psiquiátricas e a experiência dos pais com os próprios genitores (Patias et al., 2013).

As primeiras relações interpessoais da criança acontecem na família, o que torna esse contexto essencial para a promoção da educação e do desenvolvimento infantil, pois, é nele que a criança aprende a se relacionar e tem o seu primeiro contato com regras sociais, adquirindo valores morais e padrões de conduta (Costa, 2008; Gomide, 2008).

Para que a criança tenha um ambiente propício para o seu desenvolvimento, os pais devem oferecer uma base necessária para a socialização dos filhos, incentivando-os e dando-lhes segurança, afeto, proteção e bem-estar (Martins, 2009; Shaffer, 2005). Apesar disso, existem muitos pais que não tem conhecimento de como prover condições favoráveis para que seus filhos usufruam de um desenvolvimento saudável, podendo gerar consequências negativas para a criança.

Por isso, o modo de cuidar dos filhos vem sendo estudado pela Psicologia desde os anos 60 (Baumrind, 1966; Hoffman, 1975, 1994). Os estudos iniciais classificaram conjuntos distintos de comportamentos que os pais utilizam na educação dos filhos ao criar os conceitos de estilos parentais e práticas parentais (Baumrind, 1966; Hoffman, 1975, 1994). A partir daí, os estudos subsequentes buscam tentar compreender quais são as consequências dessas práticas nas diversas áreas da vida da criança, como, por exemplo, o estudo de Gomide et al (2005) que investigou a correlação entre as práticas educativas e a depressão, a ansiedade, o estresse e as habilidades sociais e o estudo de Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) sobre as práticas parentais e o repertório comportamental infantil.

Alguns autores destacam a necessidade de se diferenciar estilos parentais de práticas parentais. As práticas parentais são definidas como as estratégias e técnicas utilizadas pelos

pais para cumprir o papel de agentes de socialização dos filhos. Também são utilizadas para diminuir comportamentos considerados inadequados ou incentivar comportamentos adequados. Essas práticas vão de acordo com as crenças e os valores que os pais têm em relação à interação com os filhos (Alvarenga, 2001; Hoffman, 1975, 1994; Newcombe, 1999).

Já os estilos parentais são as atitudes dos pais em relação aos seus filhos que definem a qualidade e o clima emocional da interação entre eles (expressão corporal, tom de voz, humor) (Gomide, 2006). Além disso, os estilos parentais também abrangem as práticas educativas parentais que são utilizadas com maior frequência nesse contato entre pais e filhos (Reppold et al., 2002, 2005; Weber, 2007).

Segundo Gomide (2006, 2008), os estilos parentais podem ser classificados como positivos e negativos. Eles são positivos quando envolvem a utilização de atenção, monitoria, carinho, regras e limites, favorecendo o desenvolvimento da criança; e negativos quando há a ausência de atenção e afeto, abuso, negligência e humilhações. Os estilos parentais negativos são fatores de risco¹ para o desenvolvimento infanto-juvenil (Weber, 2007).

O modelo teórico de Baumrind (1996) propôs um modelo de classificação dos pais com três protótipos de controle: autoritativo, autoritário e permissivo. A autora definiu os pais autoritativos como sendo aqueles que tentam direcionar as atividades de suas crianças de maneira racional e orientada; incentivam o diálogo, compartilhando com a criança o raciocínio por detrás da forma como agem, solicitam sua opinião quando ela se recusa a concordar; exercem firme controle nos pontos de divergência, colocando sua perspectiva como adulto, sem restringir a criança, reconhecendo que esta possui interesses próprios e maneiras particulares; não baseiam suas decisões em consensos ou no desejo da criança.

Segundo Baumrind (1966), os pais autoritários, por outro lado, modelam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras de conduta estabelecidas e normalmente absolutas; estima a obediência como uma virtude e são a favor de medidas punitivas para lidar com aspectos da criança que entram em conflito com o que eles pensam ser certo. Já os pais permissivos tentam se comportar de maneira não-punitiva e receptiva diante dos desejos e ações da criança; apresentam-se para ela como um recurso de

¹ Fatores de risco são definidos como variáveis que, quando presentes, aumentam a probabilidade do indivíduo desenvolver problemas emocionais e/ou comportamentais. Estes fatores podem ser atributos do indivíduo (temperamento, personalidade, aspectos biológicos) e/ou dos contextos sociais (família, escola, comunidade etc.) (Garmezy, 1985).

realização de seus desejos e não como um modelo, nem como um agente responsável por moldar ou direcionar o seu comportamento. Em 1983 Macoby e Martin dividiram o estilo parental permissivo em indulgente e negligente. Os autores reorganizaram os protótipos propostos por Baumrind a partir de duas dimensões, exigência (*demandingness*)² e responsividade (*responsiveness*)³, de modo que pais autoritários são exigentes e não responsivos, pais indulgentes são responsivos e não exigentes, pais autoritativos são exigentes e responsivos e pais negligentes não são exigentes nem responsivos (Costa, Teixeira & Gomes 2000; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Hoffman (1975, 1994) distingue as práticas de disciplina parentais para mudar o comportamento dos filhos em duas categorias: as estratégias indutivas e as estratégias de força coercitiva. Nas práticas de disciplina indutivas, os pais utilizam-se da explicação e da comunicação sobre suas vontades para que os filhos modifiquem voluntariamente seu comportamento. Os pais também demonstram aos filhos as consequências de seus comportamentos para as outras pessoas, para si mesma e para as demandas lógicas da situação, ao invés das consequências punitivas para ela mesma (Hoffman, 1975, 1994). Dessa forma, eles induzem os filhos a lhes obedecer, pois as crianças passam a compreender por que a mudança de comportamento é necessária. (Alvarenga & Piccinini, 2003).

Os pais que se utilizam das práticas de disciplina coercitivas reforçam o poder parental, aplicando-o através da punição física, privação de privilégios, ameaças e outras formas que utilizam a força, coagindo a criança a adequar o seu comportamento a determinadas situações e às reações punitivas dos pais (Hoffman, 1975, 1994). Essas estratégias fazem com que a criança tenha seu comportamento controlado por ameaças de medidas punitivas externas, influenciando dessa forma sua percepção de valores e do padrão de ação moral. As práticas coercitivas podem produzir na criança emoções intensas, tais como medo, raiva e ansiedade, que tendem a reduzir ainda mais a possibilidade de a criança compreender a situação e a necessidade da modificação de seu comportamento (Hoffman, 1975, 1994).

Como exposto anteriormente pode-se compreender que as práticas de disciplina adotadas pelos pais para disciplinar seus filhos podem tanto se constituir, por um lado, em

² A exigência parental refere-se as atitudes dos pais que tem como objetivo controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras (Costa, Teixeira & Gomes 2000).

³ Responsividade está relacionada àquelas atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos e que visam, através do apoio emocional e da bi-direcionalidade na comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação dos jovens (Costa, Teixeira & Gomes 2000).

comportamentos que valorizam as características individuais dos membros, o respeito a suas opiniões e aceitação das características individuais de cada um, e, por outro lado, em comportamentos pautados no poder e no controle, o que pode levar a atitudes e comportamentos abusivos. Assim, as relações estabelecidas no seio familiar podem se constituir como fatores de risco ou de proteção⁴ (Patias, Siqueira & Dias, 2012). Logo, algumas práticas parentais são consideradas protetivas e auxiliam no desenvolvimento saudável dos filhos, como monitoria, criação e manutenção de vínculos afetivos e estabelecimento de limites claros e justos, todas essas quando aplicadas em um ambiente de respeito e afeto protegem o indivíduo de desenvolver sintomas de depressão, baixa autoestima e problemas de comportamento (Baumrind, 1997; Cecconello et al., 2003; Reppold et al. 2002; Weber, 2007).

Nesse sentido, a disciplina indutiva proporciona que os filhos desenvolvam a percepção de que estão sendo cuidados, diminuindo possíveis sentimentos negativos e problemas no desenvolvimento (Cecconello et al., 2003; Reppold et al., 2005; Weber et al., 2004). A responsividade também é considerada um fator de proteção, pois inclui atenção, comunicação, carinho e afeto na relação dos pais com os filhos, aumentando os índices de bem-estar psicológico, autoestima e autoconfiança. Outra dimensão que também é importante é a exigência, pois consiste na monitoria, supervisão e controle, estando associada ao desenvolvimento de indivíduos competentes, que apresentam obediência e poucos problemas de comportamento (Baumrind, 1997).

As práticas educativas parentais negativas, como a punição física e o abuso emocional, podem ser fatores de risco para o desenvolvimento adaptativo de crianças e adolescente (Gomide, 2006; Hutz, 2005; Reppold et al., 2002). A monitoria negativa, negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada e abuso físico podem ter como consequência o desenvolvimento de comportamentos antissociais, depressão e baixa autoestima em crianças e adolescentes (Hoffman, 1975; Weber et al. 2004).

Muitas pessoas, ao se tornarem pais, repetem o modelo de educar os filhos que aprenderam em sua própria família. Estudos revelam que há uma correlação positiva entre os valores usados pelos genitores dos pais e os valores usados por eles para educar as próximas gerações (Lundberg, Perris, Schlette & Adolfsson, 2000). A intergeracionalidade das práticas parentais, ou seja, o modo como as estratégias de educar os filhos são similares entre as gerações, pode ser explicada pela Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1977).

⁴ Os fatores protetivos são condições ou variáveis que modificam ou melhoram a resposta do indivíduo a ambientes hostis que predisõem o indivíduo a consequências mal adaptativas (Morais, 2009).

De acordo com Bandura (1977), o ser humano pode aprender tanto pela experiência direta, explicada pelos modelos de aprendizagem dos condicionamentos clássico e operante, quanto pela observação dos outros quando esses agem no ambiente social e físico. Logo, o indivíduo pode aprender novos comportamentos sem realiza-los ou receber reforço, a denominada aprendizagem observacional ou vicária. Destarte, através do processo de modelação, que envolve observação e reforçamento, o indivíduo aprende quais são os comportamentos considerados adequados naquele meio social e tende a repeti-los (Saldaña, Del Prette & Del Prette, 2002).

Dessa forma, quando uma pessoa é criada em um ambiente pautado em controle e poder, ela aprende que esse é um jeito normal dos membros da família se relacionarem. Isso aumenta a probabilidade de ela não considerar, por exemplo, a punição física contra a criança como uma forma de violência, uma vez que esse comportamento foi naturalizado no ambiente em que ela cresceu (Simons et al., 1991). O estudo de Simons et al. (1991) encontrou evidências de que pais que utilizavam a punição física como principal prática disciplinar vivenciaram a mesma criação abusiva quando eram crianças. Segundo Maldonado e Williams (2005), os pais que utilizam práticas educativas baseadas na punição física estão ensinando seus filhos modelos cognitivos e comportamentais de violência. Esses modelos passam a ser percebidos como uma forma apropriada de resolução de conflitos e de relacionamento entre homens e mulheres, adultos e crianças/adolescentes (Maldonado & Williams, 2005).

Outro fator que pode influenciar a transmissão das práticas de disciplina parentais entre as gerações é a forma como as pessoas avaliam a criação dada pelos pais (Marin et al., 2013). O estudo de Marin et al. (2013) investigou a transmissão intergeracional das práticas de disciplina parentais em 30 mães e 22 pais que tinham o primeiro filho de três anos. A partir da análise qualitativa dos dados, foi verificado que, em muitos casos, os pais denotaram preocupação em repetir com seus filhos o que julgaram bom da educação recebida de seus genitores. Segundo Henning (2008), quando as pessoas possuem memórias afetivas relacionadas à infância, há uma maior chance de seus pais terem utilizados práticas de disciplinas parentais indutivas, aumentando a probabilidade da repetição dessas mesmas práticas com os futuros filhos. Entretanto, Marin et al (2013) ressaltam que a tentativa de reprodução não diz respeito apenas as práticas indutivas, pois houve vezes em que as práticas coercitivas foram elogiadas e reproduzidas.

Outro estudo que verificou a intergeracionalidade foi o de Capaldi et al. (2003) sobre comportamento parental e comportamento externalizante de três gerações (G1, G2 e G3) de uma amostra de homens jovens que estavam em uma idade próxima para se tornarem pais (G2). Os resultados identificaram que as práticas de disciplina coercitivas dos pais (G1) aumentaram a probabilidade de comportamentos antissociais na criança e, se esses comportamentos perdurarem até a idade adulta (G2), podem estar associados a uma possível parentalidade negativa em relação a seus filhos (G3) no futuro. Portanto, a repetição dos modelos dado pelos pais, a avaliação positiva da sua criação e as memórias afetivas relacionadas com a infância e com a parentagem podem contribuir para as pessoas repetirem as mesmas práticas parentais tidas na infância com seus próprios filhos.

Para além da manutenção das práticas de disciplina, alguns estudos têm evidenciado fatores que contribuem para quebrar esse ciclo. Dentre eles, os autores destacam as mudanças socioculturais (Weber et al., 2006) e transição do modelo tradicional de família (Biasoli-Alves et al., 1997). A partir da teoria bioecológica do desenvolvimento proposta por Bronfenbrenner (Bronfenbrenner & Morris, 1998, 2006), o desenvolvimento familiar e humano é afetado pelas relações entre os contextos imediatos e distantes (micro, meso e macrosistemas), indo para além das interações entre as pessoas, mas dos fenômenos culturais presentes no contexto imediato dos indivíduos, dos processos proximais⁵ e da passagem do tempo (cronossistema). Assim, em décadas anteriores o modelo familiar preponderante na sociedade era controlador, assimétrico e autoritário. Contudo, mudanças sociais, culturais, o desenvolvimento de pesquisa e a garantia de direitos das populações mais vulneráveis, levou a discussão e problematização das práticas estabelecidas no seio familiar. Consequentemente, verifica-se atualmente uma valorização da comunicação com os filhos e a demonstração de envolvimento afetivo pelos pais. Estas alterações caracterizam as próprias mudanças da sociedade, na dinâmica familiar em relação aos filhos, sugerindo que houve uma alteração para uma sociedade menos fundamentada nos valores tradicionais e hierárquicos do autoritarismo e mais voltada para a compreensão dos desejos e necessidades dos filhos (Vitali, 2004; Weber, 2005).

Além disso, as mães das décadas passadas obtinham conhecimento de como educar os filhos através de conselhos da própria mãe, da sogra e de pessoas do núcleo familiar. Próximo ao final do século XX, o conhecimento divulgado por especialistas na área

⁵ O processo proximal representa as formas de interação do organismo com o ambiente, que ocorrem regularmente, sendo ele a forma, a força, o conteúdo e a direção dos resultados no desenvolvimento humano (Bronfenbrenner & Evans, 2000)

infantil, tais como pediatras, pedagogos e psicólogos, exerceu influência sobre as crenças e atitudes sobre educação de (Biasoli-Alves et al., 2002).

Um outro fator que pode quebrar com os padrões de parentagem aprendidos na família é o suporte do companheiro, que muitas vezes pode ter uma concepção diferente sobre a educação dos filhos (Egeland, Jacobvitz & Soufre, 1988). A aprendizagem de práticas ou habilidades parentais junto a outras figuras que não os próprios pais também podem alterar as práticas parentais geracionais (Shaffer et al., 2009). Além disso, a manutenção de um relacionamento estável também pode romper com esse ciclo de violência (Egeland et al., 1998).

O nível socioeconômico familiar também tem se mostrado relevante em relação ao uso de práticas educativas parentais (Bailey et al., 2009). Mudanças socioeconômicas entre gerações podem influenciar a maneira de educar os filhos, considerando que a nova geração vai ter experiências diferentes relacionadas ao trabalho e a educação, o que pode transformar seus valores sobre suas práticas educativas (Weber et al., 2006).

Logo, quando os pais entram em contato com essas variáveis, o ciclo intergeracional das práticas de disciplinas parentais tende a ser rompido e eles passam a mudar a maneira de se posicionar diante dos seus filhos. Entretanto, se as pessoas não entram em contato com essas variáveis citadas anteriormente, elas tendem a manter os padrões de parentagem que seus pais utilizavam na sua infância.

Pesquisas sobre a intergeracionalidade das práticas de disciplina parentais integram uma área importante de investigação, uma vez que elas podem lançar uma luz a respeito das variáveis que contribuem para o rompimento de estilo parentais negativos e assim, contribuir para a proposta de intervenções efetivas para quebrar esse ciclo e prevenir possíveis problemas no desenvolvimento das crianças e das próximas gerações.

Considerando que as práticas de disciplina parentais interferem no desenvolvimento da criança ao causar impactos positivos e negativos que perduram por muito tempo (Patias, Siqueira & Dias, 2012), e levando em conta a relevância do tema intergeracionalidade das práticas parentais sob uma óptica preventiva (Capaldi et al., 2003), o presente estudo busca contribuir com a literatura da área ao identificar se modelo de família, acesso à informação, suporte do companheiro(a) e/ou ascensão socioeconômica e educacional estariam relacionados a manutenção/rompimento dessas práticas ao longo das gerações.

A melhor compreensão dessa questão pode gerar conhecimento para promover possíveis mudanças na vida dos futuros pais e filhos. Ao entrar em contato com

informações científicas que instruem maneiras mais positivas de educar os filhos, os pais tendem a adequar seu comportamento, visando melhorar a sua parentalidade. Ao fazer isso, os seus filhos quando se tornarem pais tenderão a reproduzir as mesmas práticas positivas utilizadas pelos seus pais com seus futuros filhos, passando isso de geração em geração.

1. 1 Hipóteses

A primeira hipótese foi a de que haveria correlação significativa entre as práticas de disciplina recebidas na infância e o comportamento de disciplina utilizados pelos pais na educação dos filhos. Com relação a manutenção e rompimento, a hipótese era a de que a estabilidade no modelo de família, a avaliação negativa da parentagem dos pais, a dificuldade de acesso à informação, a falta de suporte do companheiro e/ou estagnação socioeconômica e educacional, contribuiriam para a manutenção das práticas (intergeracionalidade). Já mudança no modelo de família, avaliação positiva da parentagem dos pais, acesso à informação, suporte do companheiro e/ou ascensão socioeconômica e educacional estariam relacionadas ao rompimento das práticas de disciplina.

1.3 Objetivo

O presente estudo teve como objetivo geral verificar as variáveis relacionadas à intergeracionalidade das práticas de disciplina parentais.

Objetivos específicos

1. Identificar as práticas de disciplina utilizadas pelos genitores dos pais;
2. Identificar as práticas de disciplina que os pais utilizam na educação dos filhos;
3. Analisar variáveis associadas à manutenção/rompimento da intergeracionalidade;
4. Levantar a opinião dos pais a respeito das práticas de disciplina recebidas na infância;
5. Avaliar a opinião dos pais a respeito das práticas de disciplina utilizadas na educação dos filhos;
6. Verificar a correlação entre as práticas de disciplina utilizada pelos genitores na infância dos pais com as práticas de disciplina utilizadas por eles na educação dos filhos.

MÉTODO

A presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa com delineamento misto (quali-quantitativo), exploratória, descritiva e transversal. A coleta de dados ocorreu em dois momentos: (1) por meio de formulário online e (2) grupo focal com mães de crianças com idades entre 3-6 anos.

Inicialmente os participantes foram recrutados em redes sociais, sendo compartilhado o convite especificamente em grupos direcionados a pais. A pesquisa também foi divulgada pela Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade Federal de São Carlos via Portal da universidade, release para imprensa, Inforede e redes sociais. Além disso, foram enviados convites para pais de crianças de duas escolas de educação infantil. Em uma escola, um convite foi entregue para os pais e, aqueles que se interessaram em participar da pesquisa, devolveram-no com um contato para o envio do link formulário online. Na outra escola, a pesquisadora ficou, em horário combinado com a coordenação, em momentos de entrada e saída das crianças, abordando os pais e anotando contatos para o envio da pesquisa aos interessados.

No convite enviado havia a descrição dos objetivos da pesquisa, a forma de participação, os critérios de inclusão (ser maior de 18 anos, ter um filho com idade entre 3 e 6 anos⁶, estar casado ou em união estável com o parceiro e morar junto com o(s) filho(s) e disponibilizava um link para acesso ao formulário. Após ler o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que detalhava os objetivos da pesquisa e os possíveis riscos e benefícios, o participante deveria assinalar a opção “Li e aceito participar da pesquisa”, e então ele tinha acesso às questões dos instrumentos utilizados. Ao final, havia uma mensagem de agradecimento, o e-mail da pesquisadora responsável e uma questão sobre a disponibilidade/interesse para participar de um grupo focal. No total o formulário recebeu 66 respostas, sendo que 35 (29 mãe e 6 pais) atendiam aos critérios de inclusão e 31 não atendiam aos critérios por terem filhos com idade diferente da estabelecida (3-6 anos), por não terem filhos ou por não serem casados/estar em união estável com o parceiro. Nesses casos os participantes responderam questões relativas a crenças a respeito da educação dos filhos.

Aos participantes que manifestaram interesse em participar do grupo focal, a pesquisadora entrou em contato para agendar uma data/horário de acordo com a

⁶ Esse critério foi definido de acordo com a faixa etária abordada no desenho que seria utilizado no grupo focal.

disponibilidade dos participantes. Dos nove participantes que inicialmente sinalizariam que gostariam de participar, oito responderam sobre a disponibilidade e duas mães participaram efetivamente do grupo focal.

O encontro ocorreu em uma sala ampla, iluminada e ventilada nas dependências da Universidade Federal de São Carlos. O mesmo foi previamente marcado com os participantes de acordo com a disponibilidade da maioria, com duração de aproximadamente uma hora.

Durante o encontro foram apresentados disparadores com o objetivo de fomentar uma discussão sobre o tema e, assim, colher os relatos dos participantes sobre a intergeracionalidade das práticas parentais. Um dos disparadores apresentados foi um curta chamado *Vida Maria*, lançado em 2006 e dirigido por Márcio Ramos. O vídeo retrata a história da personagem Maria José, uma menina de cinco anos que se diverte aprendendo a escrever o nome, mas que é obrigada pela mãe a abandonar os estudos, começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça. Com o passar do tempo, ela cresce, casa, tem filhos e continua a realizar o mesmo trabalho. Depois que Maria José envelhece, esse ciclo continua a se reproduzir nas outras Marias de diferentes geração, suas filhas, netas e bisnetas.

Após a exibição do vídeo, os participantes puderam discutir sobre como as práticas parentais da personagem passaram ao longo das gerações e quais eles acreditam ser a consequência disso. Ainda, os participantes puderam relatar se eles se identificam nessa situação, ou seja, se há alguma prática parental que seus pais utilizavam para educá-los que eles repetiam com seus próprios filhos.

Em seguida, foi exibida uma cena do desenho animado *Caillou*, um programa infantil canadense baseado nas obras de Christine L'Heureux, que aborda temas como família, comportamento social, o fato de estar sozinho, fazer amigos e emoções. As experiências são típicas de uma criança, facilitando com que os participantes se identificassem com a situação. Após a passagem do trecho em que Caillou apresentava algum comportamento típico para uma criança da sua idade, o desenho foi pausado para que os participantes expusessem o que eles acreditavam que seus pais teriam feito nessa situação e o que eles fariam se o seu próprio filho tivesse emitido esse comportamento. Depois, o desenho teve continuidade dando modelo de uma prática parental positiva com os pais de Caillou resolvendo a situação.

Ao final do encontro foram apresentados rapidamente os dados da literatura sobre as práticas parentais positivas e as suas consequências no desenvolvimento infantil. Os participantes foram convidados a discutir sobre a importância do acesso à informação para que os pais tenham embasamento para educar seus filhos de maneira mais adequada, rompendo assim com o ciclo de violência presente entre as gerações.

2.1 Medidas avaliativas

2.1.1 Dados sociodemográficos

Foram coletados dados referentes a gênero (masculino; feminino; outro); idade; sexualidade (heterossexual; homossexual; bissexual; outros); nacionalidade (brasileiro; outros); nível de escolaridade (analfabeto; fundamental incompleto; fundamental completo; ensino médio incompleto; ensino médio completo; escola técnica; ensino superior incompleto; ensino superior completo; pós-graduação incompleta; pós-graduação completa); situação de trabalho (trabalho remunerado em período integral; trabalho remunerado em período parcial; não trabalho fora de casa; desempregado; estudante; aposentado); identificação racial/étnica (branco; pardo; preto; amarelo; indígena; não sei; outro); número de irmãos; com quem mora atualmente; quem é proprietário da casa em que mora atualmente (você ou seu parceiro; seus pais; outro parente que mora com você; outro parente que não mora com você; pessoa não parente que mora com você; seu chefe; pessoa que aluga o imóvel e não mora com você); situação conjugal dos pais biológicos (casados um com o outro; não são casados, mas estão atualmente juntos; separados; eles nunca moraram juntos; mãe já faleceu; pai já faleceu; você não morou com seus pais biológicos porque foi adotado; outro); situação conjugal atual (solteiro; namorando, mas não morando junto; morando com o parceiro; casado; separado; viúvo; outro); gênero, sexualidade, nível de escolaridade e situação de trabalho do parceiro; filhos (sim/não); quantidade de filhos; idade e gênero dos filhos; figura de mãe/pai durante a infância (mãe/pai biológica, mãe/pai adotiva, avó(o), tia(o), madrasta/padrasto, outra(o) mulher/homem adulta(o); outros); escolaridade e situação de trabalho da mãe/pai; proprietários da casa em que morava quando tinha 10 anos; com quem morava quando tinha 10 anos e nível socioeconômica das famílias, com base em itens referentes ao poder aquisitivo, posse de bens de consumo duráveis e grau de instrução do chefe da família de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil (Critério Brasil – ABEP, 2015).

2.1.2 Práticas de disciplina recebidas na infância

Para verificar as práticas de disciplina utilizadas pelos pais dos participantes durante a infância dos mesmos foi utilizada a parte C (comportamentos de disciplina) do Inventário de Dimensões de Disciplina (DDI) versão retrospectiva (Strauss & Fauchier, 2007). Nessa parte do instrumento são apresentados 26 comportamentos de disciplina frequentemente utilizado por pais e os participantes deveriam selecionar a frequência que a figura paterna e a figura materna utilizavam esse comportamento para disciplinar os participantes quando eles tinham 10 anos de idade (N=nunca; 0=não nesse ano, mas no ano anterior; 1=1-2vezes no ano; 2=2-5 vezes no ano; 3=6-9 vezes no ano; 4=mensalmente (10-14 vezes no ano); 5=algumas vezes no mês (2-3 vezes no mês); 6=semanalmente (1-2 vezes por semana); 7=várias vezes na semana (3-4 vezes); 8=diariamente (5 ou mais vezes na semana); 9=duas ou mais vezes no dia). A escolha dessa idade facilita com que participantes relembrem os comportamentos dos seus pais que eram utilizados para discipliná-los.

Para cada resposta, foi atribuído um valor pré-determinado no manual do instrumento, sendo: duas ou mais vezes por dia=700; diariamente (5 ou mais vezes na semana)=350; várias vezes na semana (3-4 vezes)=200; semanalmente (1-2 vezes na semana)=50; poucas vezes ao mês (2-3 vezes ao mês)=36; mensalmente (10-14 vezes no ano passado)=12; 3-5 vezes no ano passado=4; 1-2 vezes no ano passado =2; não no ano passado, mas no ano anterior=0 e nunca=0. Posteriormente, as questões foram agrupadas em subescala de disciplina indutiva (monitorar, explicar/ensinar, recompensa, ignorar comportamento inadequado e distração) e coercitivas (punição física, agressão psicológica, retirada de privilégios e tarefas como punição).

2.1.3 Práticas de disciplina utilizadas pelos pais

Para verificar as práticas de disciplina utilizadas pelos participantes na educação foi utilizada a parte C (comportamentos de disciplina) do Inventário de Dimensões de Disciplina (DDI) versão pais (Strauss & Fauchier, 2007). Os participantes deveriam selecionar a frequência com que eles utilizavam os comportamentos para disciplinar seus filhos (N=nunca; 0=não nesse ano, mas no ano anterior; 1=1-2vezes no ano; 2=2-5 vezes no ano; 3=6-9 vezes no ano; 4=mensalmente (10-14 vezes no ano); 5=algumas vezes no mês (2-3 vezes no mês); 6=semanalmente (1-2 vezes por semana); 7=várias vezes na semana (3-4 vezes); 8=diariamente (5 ou mais vezes na semana); 9=duas ou mais vezes no dia). Assim como na versão retrospectiva, para cada resposta, foi atribuído um valor pré-

determinado no manual do instrumento, sendo: duas ou mais vezes por dia=700; diariamente (5 ou mais vezes na semana)=350; várias vezes na semana (3-4 vezes)=200; semanalmente (1-2 vezes na semana)=50; poucas vezes ao mês (2-3 vezes ao mês)=36; mensalmente (10-14 vezes no ano passado)=12; 3-5 vezes no ano passado=4; 1-2 vezes no ano passado =2; não no ano passado, mas no ano anterior=0 e nunca=0. Posteriormente, as questões foram agrupadas em subescala de disciplina indutiva (monitorar, explicar/ensinar, recompensa, ignorar comportamento inadequado e distração) e coercitivas (punição física, agressão psicológica, retirada de privilégios e tarefas como punição).

2.1.4 Intergeracionalidade

Para identificar as variáveis associadas a manutenção ou rompimento das práticas de disciplina recebidas na infância dos participantes, a autora elaborou um questionário com base na revisão de literatura da área. O questionário era composto de 13 perguntas: 12 fechadas e 1 aberta na qual os participantes poderiam compartilhar uma experiência que considerou importante sobre parentalidade (Anexo 1). Inicialmente era solicitado que os participantes indicassem a opção que mais se aproximava do estilo parental utilizado por seus pais na sua infância (Negligente: distante, ausente, passivo, desinteressado; Autoritário: rigidez, punição, “porque sim”, autocrático; Participativo: padrões, flexibilidade, assertivo, suporte; ou Permissivo: leniente, regras difusas, leve demais, o filho manda) e, sem seguida, qual a opção que mais se aproximava do estilo parental utilizado por ele para educar seus filhos. Em seguida, foram feitas perguntas sobre os meios pelos quais os participantes tiveram acesso à informação de como cuidar, educar ou disciplinar seus filhos. As questões seguintes se referiam ao suporte do companheiro em relação à disciplina dos filhos, verificando se há concordância entre as práticas utilizada pelo casal e se isso influencia na tomada de decisão do participante em relação a esse assunto.

Depois, foram abordadas questões sobre a avaliação do participante das práticas de disciplina utilizadas por seus pais em sua infância, verificando se a avaliação foi positiva ou negativa e se o participante acreditava ter sido tratado de forma justa. Logo depois, foi perguntado se o participante repetia com os seus filhos as mesmas práticas parentais utilizadas por seus pais e quais fatores eles acreditavam ter influenciado a manutenção e/ou o rompimento do ciclo intergeracional, sendo eles: mudança no modelo de família, acesso à

informação, influência do parceiro, mudança de nível socioeconômico/educacional e avaliação da parentalidade dos pais.

2.2 Análise dos dados

Análises descritivas (médias, desvio padrão, valores mínimos e máximos) dos dados quantitativos foram realizadas utilizando o software estatístico SPSS 22.0. Posteriormente foi conduzido o teste de normalidade dos dados (Shapiro-Wilk), o qual indicou que a amostra não apresentava uma distribuição normal. Desse modo, foram conduzidas análises estatísticas de dados não-paramétricos para analisar a diferença estatisticamente significativa (Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney) entre a frequência das práticas de disciplina recebidas durante a infância pelo pai e pela mãe do participante, e as práticas de disciplina que eles indicaram implementar com seus filhos. Para verificar a intergeracionalidade das práticas de disciplina, considerou-se como critério a correlação entre as práticas de disciplina recebidas na infância e o autorrelato dos participantes quanto as práticas que eles utilizavam para disciplinar seus filhos, isto é, se houvesse correlação significativa ou altamente significativa entre as práticas de disciplina recebidas na infância pela mãe e pelo pai com práticas de disciplina utilizadas pelos participantes, considerou-se que ocorria a intergeracionalidade da mesma. Assim, para avaliar essa questão foi utilizado o teste de correlação de spearman entre práticas de disciplina mãe \times práticas de disciplina participante e práticas de disciplina pai \times práticas de disciplina participante.

Quanto aos dados qualitativos, os áudios do grupo focal foram transcritos e analisados a partir da técnica de análise qualitativa da Bardin (Gomes, 1993) utilizando o software Atlas.ti. Inicialmente a pesquisadora codificou as falas das participantes (unidades de análise) e posteriormente criou categorias temáticas. Em seguida, foi feita uma descrição do resultado da categorização, seguida da inferência dos dados e interpretação através da fundamentação teórica.

2.3 Aspectos Éticos

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CAAE 727729173.0000.5504). Todos os participantes leram o TCLE e marcaram a opção “Li e aceito” antes de começar o procedimento.

3 RESULTADOS

3.1 Caracterização dos participantes

Os participantes consistiram em 29 mulheres e 6 homens, com idade variando entre 23 e 53 anos ($M=34$; $DP= 6,37$), todos heterossexuais, a maioria com ensino superior completo (65,7%), trabalho remunerado em período integral ou parcial (57,2%), de etnia branca (60%) e de classe econômica entre A e B2 (88,6%).

Os participantes eram, em sua maioria, casados (85,7%) com parceiros heterossexuais (97,1%), ensino superior completo (65,8%) e trabalho remunerado em período integral (77,1%). 80% dos participantes moravam apenas com os parceiros e filhos e 68,6% eram proprietários do imóvel em que moravam atualmente.

Todos possuíam pelo menos um filho com idade entre 3 e 6 anos ($M=4,94$; $DP=2,47$), sendo os filhos escolhidos para responder a pesquisa 15 meninos e 20 meninas. A maior parte dos participantes considera que as responsabilidades pelo filho eram divididas igualmente entre os genitores da criança (65,7%).

3.2 Caracterização das figuras maternas e paternas dos participantes

A maioria dos pais dos participantes eram casados um com o outro (51,4%). A maioria dos participantes considerou a mãe biológica (94,3%) e o pai biológico (74,3%) como as figuras maternas e paternas, respectivamente, para responder as questões relacionadas às práticas de disciplina recebidas na infância. Embora outras pessoas como avó, avô e padrasto tenham sido indicadas como figuras parentais, a descrição será realizada considerando as mães as figuras maternas e os pais as figuras paternas.

Os níveis de escolaridade da mãe e do pai se concentravam no ensino fundamental incompleto (34,6% e 40%, respectivamente). A situação de trabalho de ambos os pais era, em sua maioria, trabalho remunerado em período integral ou parcial (60% da mãe e 88,6% do pai). A maioria (68,8%) dos pais eram proprietários de suas próprias casas, sendo que a maioria (57,1%) dos participantes alegaram que apenas seus pais e irmãos moravam com eles quando eles tinham 10 anos. Os participantes também, em sua maioria, consideraram que a mãe tinha muito mais responsabilidade em sua disciplina do que o pai (54,3%) e consideraram que os pais tinham um pouco ou muito menos recursos financeiros do que eles tinham na época da coleta de dados (60%).

3.3 Percepção dos participantes quanto as práticas de disciplina recebidas na infância

Ao analisar a opinião dos participantes quanto aos estilos parentais dos pais durante a infância (Negligente: distante, ausente, passivo, desinteressado; Autoritário: rigidez, punição, “porque sim”, autocrático; Participativo: padrões, flexibilidade, assertivo, suporte; ou Permissivo: leniente, regras difusas, leve demais, o filho manda), verificou-se que quase metade dos participantes (48,6%) consideraram que seus pais tiveram um estilo parental autoritário. Além disso, os participantes avaliaram que os pais os trataram de forma justa durante a infância *sempre ou quase sempre* (37,1%) ou *geralmente* (31,4%). Ao serem questionados sobre que nota dariam para as práticas usadas pelos pais na infância deles em uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 -insatisfatórias a 5-satisfatórias, em média os participantes avaliaram que elas foram mais próximo de satisfatórias ($M= 3,51$, $DP=1,17$).

Quanto a percepção dos participantes sobre o estilo parental que eles tinham na educação dos filhos, a maioria (80%) considerou que tinha um estilo parental participativo com seus filhos. Este resultado está de acordo com os resultados obtidos no Inventário de Dimensão de Disciplina apresentados a seguir (Tabela 1), em que os participantes obtiveram médias altas em relação a frequência com que utilizam as práticas indutivas - como explicar e ensinar e monitoria - e médias baixas para a frequência com que apresentam práticas coercitivas como punição física, caracterizando o estilo parental participativo.

3.4 Práticas de disciplina recebidas na infância e utilizadas pelos participantes para disciplinar seus filhos

A Tabela 1 descreve as médias relativas aos escores obtidos pelos participantes em cada subescala do Inventário de Disciplina. Os dados da Tabela 1 indicam que, em média, os participantes relataram ter vivenciado na família de origem e aplicar com os filhos uma frequência maior de comportamentos de disciplina indutiva quando comparados com os comportamentos de disciplina coercitivas. Em média, as mães apresentaram uma frequência maior em todos os comportamentos de disciplina quando comparado a frequência dos pais, o que está em consonância com o dado anterior de que as mães tinham mais responsabilidade na disciplina dos participantes. Com relação às práticas de disciplina indutivas recebidas na infância, verificou-se que as mães buscavam com maior frequência *explicar/ensinar* as regras para que não houvesse a repetição do comportamento

inadequado e demonstrar o quais comportamentos e atitudes eram esperados e *monitoria*, ou seja, verificar se a criança se engajava em algum comportamento inadequado. Já os pais, em média, utilizavam a *recompensa* (elogiar por ter se comportado bem, premiar com algum objeto/dinheiro por ter apresentado um comportamento positivo e observar a criança para dizer que o comportamento dela era adequado) e a *monitoria*. *Ignorar o comportamento inadequado* (não prestar atenção deliberadamente a um comportamento inadequado ou deixar a criança se comportar de modo a ter que lidar com as consequências) foi o comportamento de disciplina indutiva utilizado com menor frequência tanto pelos pais quanto pelas mães.

Tabela 1

Práticas de disciplina recebidas na infância e utilizadas pelos participantes para educar seus filhos

		Figura materna		Figura paterna		Participante	
		M	DP	M	DP	M	DP
I n d u t i v a s	Explicar e ensinar	139,17	171,77	7,77	123,74	319,46	229,27
	Monitoria	106,77	156,58	40,31	118,01	173,23	190,90
	Recompensa	56,21	112,16	44,68	106,16	139,69	159,03
	Distração	23,10	71,87	15,10	67,17	81,86	91,21
	Ignorar comportamento inadequado	22,1	70,21	20,8	70,21	23,43	48,68
C o r r e c t i v a s	Agressão psicológica	66,43	152,92	41,23	103,03	37,98	57,96
	Retirada de privilégios	62,10	116,66	33,17	106,74	25,37	57,09
	Tarefa como punição	43,10	97,54	40,53	97,54	65,98	77,73
	Punição corporal	35,75	133,93	24,07	78,66	1,28	3,02

Quanto as práticas de disciplina indutivas utilizadas pelos participantes para educar seus filhos, notou-se que todas obtiveram médias superiores àquelas indicadas como tendo

sido utilizadas pelos pais durante a infância dos participantes. Os comportamentos que os participantes indicaram realizar com uma frequência maior foram *explicar/ensinar*, *monitoria* e *recompensa* e o que apresentou menor frequência foi *ignorar o comportamento inadequado*.

A *agressão psicológica* (gritar, berrar com a criança; fazer com que a criança se sinta envergonhada ou culpada; agir de maneira fria sem abraçar ou beijar a criança; ou dizer que a criança é preguiçosa, desleixada) foi o comportamento de disciplina coercitiva utilizado, em média, com maior frequência pelas mães e pais dos participantes durante a sua infância, seguida de *retirada de privilégios* (retirar mesada, brinquedos, vídeo game etc por ter se comportado mal ou até que se comporte de maneira adequada; mandar a criança para o quarto sem refeição; e colocar de castigo) pelas mães e *tarefas como punição* (dar tarefas extras; fazer a criança reparar o dano causado e pedir desculpas) pelos pais. A *punição corporal* (sacudir a criança para obter atenção, dar um tapa, um soco, bater com um objeto ou lavar a boca com sabão ou colocar pimenta na boca da criança) foi o comportamento de disciplina com uma frequência menor tanto para as mães quanto para os pais.

Em relação as práticas de disciplina utilizadas pelos participantes na educação dos filhos, observou-se que eles indicaram *tarefas como punição* como a prática de disciplina utilizada com mais frequência, seguida de *agressão psicológica* e *retirada de privilégios*. *Punição física* apareceu, em média, com uma frequência muito baixa.

3.5 Intergeracionalidade das práticas de disciplina parentais

Sobre a intergeracionalidade, 77,1% dos participantes responderam que *nunca* (14,3%), *quase nunca* (20%) ou *às vezes* (42,9%) repetem com seus filhos as mesmas práticas parentais que seus pais utilizavam na sua infância e 22,9% responderam que *geralmente*, (20%) *sempre* ou *quase sempre* (2,9%) repetiam essas práticas. As Figuras 1 e 2 apresentam os dados sobre a que os participantes atribuíam o rompimento (Figura 1) e manutenção (Figura 2) do ciclo intergeracional.

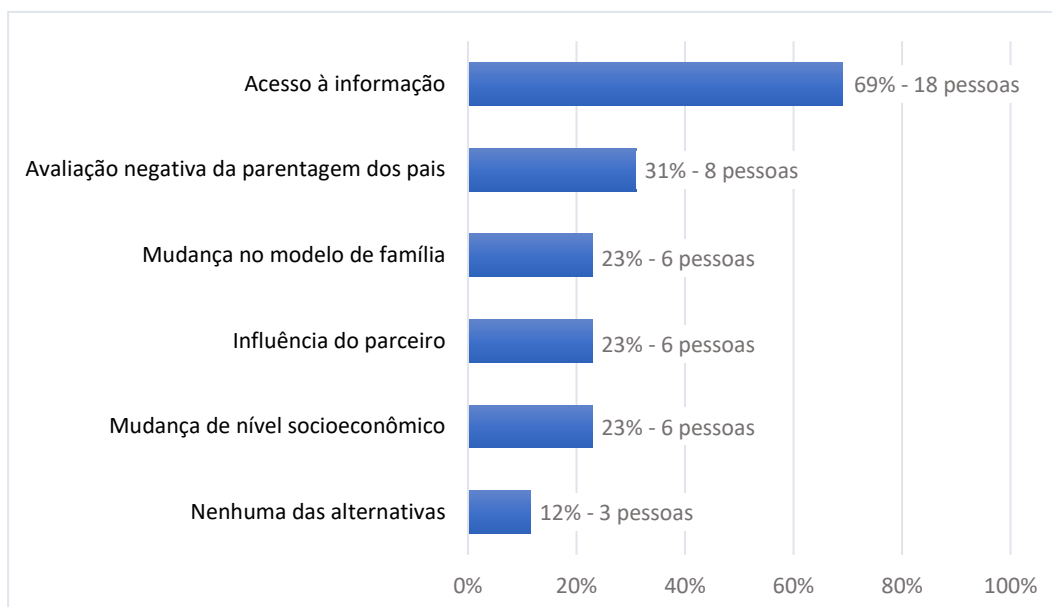


Figura 1. Opinião dos participantes quanto aos fatores relacionados ao rompimento da intergeracionalidade (n=27)

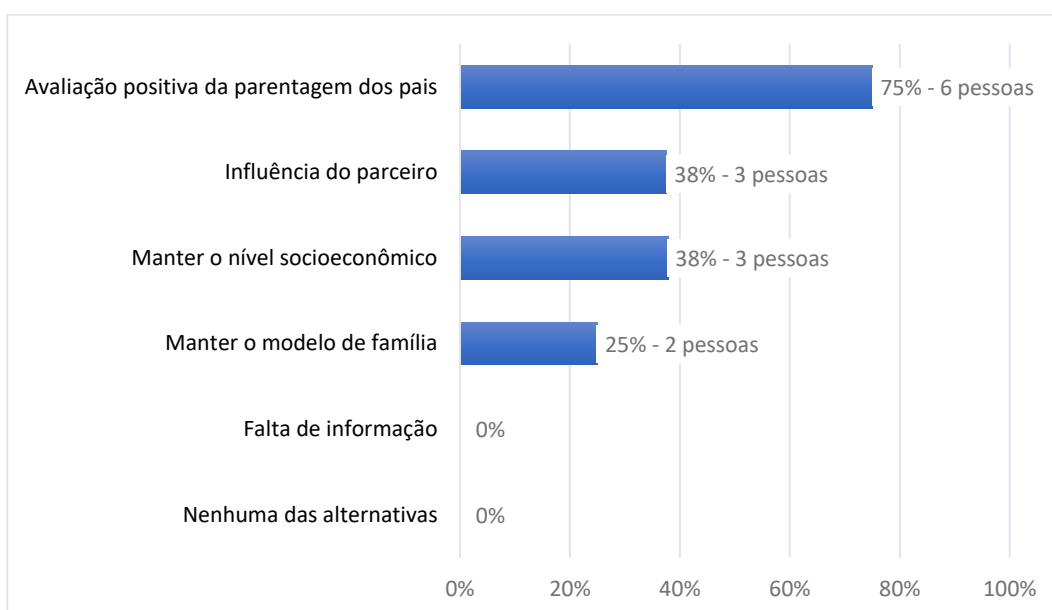


Figura 2. Opinião dos participantes quanto aos fatores relacionados à manutenção da intergeracionalidade (n=8)

Como pode ser visto na Figura 1, a maioria (69,2%) dos participantes indicou acesso à informação como uma das principais variáveis associadas ao rompimento da intergeracionalidade seguida da avaliação negativa da parentagem dos pais na infância (30,8%). Quanto às variáveis associadas à manutenção da intergeracionalidade (Figura 2), a maioria (75%) indicou a avaliação positiva da parentagem dos pais, seguida de influência do parceiro e manutenção do nível socioeconômico, ambas com 38%. Tais dados parecem

indicar que mudanças sociais e a percepção do indivíduo a respeito da forma como foi educado parecem ser variáveis importantes para a manutenção/rompimento da intergeracionalidade.

As Tabelas 2 e 3 a seguir apresentam os dados de correlação entre as práticas de disciplina indutivas (Tabela 2) e coercitivas (Tabela 3) utilizadas pela mãe e pelo pai dos participantes durante a infância e as práticas de disciplina utilizadas pelos participantes com seus filhos.

Os dados da Tabela 2 indicam que houve correlações positivas e estatisticamente significativa ($p < 0,05$) e altamente significativas ($p < 0,001$) entre práticas de disciplina utilizadas tanto pelas mães quanto pelos pais das participantes durante sua criação e àquelas utilizadas por elas na educação dos filhos. As correlações apresentadas entre as variáveis, mesmo que significativa, podem ser consideradas como fracas (valores entre 0,20 a 0,39), com exceção da variável *monitoria* que apresentou uma correlação moderada (entre 0,40 e 0,69) com o pai e forte (entre 0,70 e 0,89) com a mãe.

Tabela 2

Correlações entre as práticas de disciplina indutivas recebidas na infância e as utilizadas pelo participante na educação dos filhos

		Práticas indutivas utilizadas com os filhos				
		Ignorar comportamento inadequado	Recompensa	Distração	Monitoria	Explicar e ensinar
Práticas indutivas recebidas na infância	Figura materna	r=0,393* p=0,020	r=0,310 p=0,070	r=0,071 p=0,685	r=0,733** p=0,000	r=0,0303 p=0,077
	Figura paterna	r=0,127 p=0,467	r=0,369* p=0,029	r=0,237 p=0,171	r=0,498* p=0,002	r=0,184 p=0,291

Na Tabela 3 verifica-se que houve correlação significativa ($p < 0,05$) com a mãe e altamente significativa ($p < 0,001$) com o pai para a variável *tarefas como punição*. Apesar de significativa, a correlação entre mãe e participante foi fraca e entre pai e participante moderada. As demais práticas não apresentaram correlações estatisticamente significativas entre as práticas recebidas e utilizadas.

Tabela 3

Correlações entre as práticas de disciplina coercitivas recebidas na infância e as utilizadas pelo participante na educação dos filhos

		Práticas coercitivas utilizadas com o filhos				
--	--	--	--	--	--	--

		Punição corporal	Retirada de privilégios	Agressão psicológica	Tarefa como punição
Práticas coercitivas recebidas na infância	Figura materna	r=0,060 p=0,733	r=0,313 p=0,067	r=0,292 p=0,089	r=0,363* p=0,032
	Figura paterna	r=0,054 p=0,758	r=0,310 p=0,070	r=0,006 p=0,970	r=0,537** p=0,001

A partir dos dados analisados, pode-se inferir que as práticas de *monitoria* recebidas da mãe e as práticas de *tarefa como punição* recebidas do pai foram as que apresentaram correlação positiva, significativa e moderada/forte com as práticas utilizadas pelo participante na educação dos filhos.

Quanto ao acesso à informação de como educar os filhos, 71,4% alegaram ter tido acesso à informação através de revistas, livros, jornais ou sites que tratavam sobre o assunto; 62,9% dos participantes através de mãe, avó, sogra ou outros parentes da família; 45,7% através de pediatras ou outros médicos; 37,1% através de artigos científicos que tratavam sobre o assunto; 34,3% através de amigos que já tiveram filhos; 20% através de psicólogos; 17,1% através de congressos, palestras ou cursos que tratavam sobre o assunto; 14,3% através de outra pessoa; 11,4% alegaram não ter tido acesso à informação e 8,6% através de outro profissional capacitado (Figura 3).

Quanto ao apoio do parceiro, foi verificado que 77% dos participantes alegam que quase nunca ou às vezes há discordância entre o casal sobre corrigir o mau comportamento do filho. Também foi verificado que a maioria dos participantes muda às vezes a opinião sobre como disciplinar os filhos depois de conversar com o parceiro (51,4%) e que o casal nunca ou quase nunca tem uma opinião diferente sobre o assunto (51,4%).

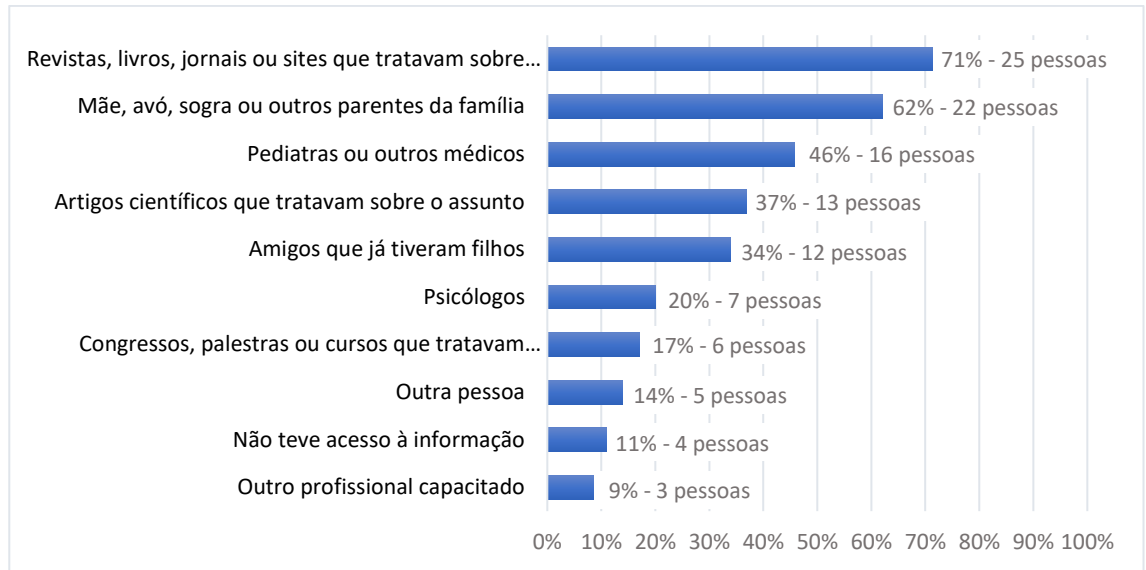


Figura 3. Meios de acesso à informação de como educar os filhos

3.6 Experiências de parentagem

Ao final do formulário havia uma questão aberta para que os participantes, caso se sentissem à vontade, pudessem compartilhar mais detalhadamente a experiência que tiveram de parentagem. Dos trinta e cinco participantes, nove descreveram suas experiências. Essas respostas foram analisadas qualitativamente. Os relatos obtidos foram classificados em seis códigos e agrupados em três categorias conforme mostra a Tabela 4. No geral, os participantes abordaram com maior frequência as práticas parentais recebidas dos pais (6), seguida das práticas utilizadas com os filhos (4). Os relatos sobre a influência das mudanças do meio externo à família, das mudanças no modelo de família, do excesso de informações e das características dos filhos apareceram com a mesma frequência (2).

Tabela 4
Categorias e códigos dos relatos de experiência

Categoria	Código	Descrição	Frequência nos relatos
Práticas de disciplina parentais	Práticas de disciplina recebidas	Comportamentos emitidos pelos pais com a finalidade de educar os filhos, avaliação da parentagem recebida e opinião do participante sobre isso.	6
	Práticas de disciplina utilizadas	Comportamentos emitidos pelo participante com a finalidade de educar os filhos e papel dos pais em relação à educação dos filhos.	4
Mudanças socioculturais	Mudança no meio externo à família	Influência do contexto externo na educação dos filhos e aumento dos riscos em relação ao trânsito e as drogas.	2
	Mudança no modelo de família	Mudanças nas famílias contemporâneas em relação aos modelos anteriores.	2
Dificuldade em educar os filhos	Excesso de informações	Excesso de informações obtidas pelas mães por diversos meios que não contribuem para uma boa parentagem.	2
	Características dos filhos	Particularidades dos filhos e como o participantes reagem a isso.	2

Ao refletir sobre a forma como foram educados pelos pais durante a infância, dois participantes relataram uma avaliação positiva das práticas de disciplina recebidas, valorizando o envolvimento dos pais *“Acredito que meus pais fizeram o melhor que sabiam quanto a minha educação. (P30)”*. Um dos participantes destacou a punição como uma medida educativa *“Meus pais foram exemplos para mim, quando necessário a punição hoje entendo que foi para o meu bem, me ensinaram valores, o certo e o errado. (P35)”*; outra destacou a inconsistência das práticas entre as figuras parentais devido a separação dos pais *“Meus pais foram separados, até os 14 anos morei com a minha mãe e, portanto, quando nas perguntas falava ‘educação dos pais’ considerava minha mãe. Com 14 fui morar com meu pai, que sempre teve uma postura bem diferente na forma de me educar. (P28)”*; e um comparou as práticas de disciplina recebidas e utilizadas, destacando que na infância havia limites impostos pelos pais, sem comunicação ou consideração a respeito do ponto de vista dos filhos, uma prática que relacionada ao estilo parental autoritário. Contudo, o participante relata que com suas filhas ele buscou alterar a mesma, estabelecendo limites, mas com abertura e compreensão quanto aos sentimentos e ponto de vista das filhas, o que indica um estilo parental autoritativo.

“Na minha educação, as regras de conduta eram impostas sem chance de negociação e na educação das minhas filhas eu exijo cumprimentos das regras, mas ouço suas justificativas, tentando compreender o porquê das decisões delas (P3)”.

Ao relatarem sobre os comportamentos utilizados pelos participantes na educação dos filhos, nota-se que os mesmos buscavam proporcionar ambientes com muito afeto, consideração pelos sentimentos dos filhos e participação nas atividades diárias, como pode ser visto nos excertos a seguir:

“Por a minha filha ter somente 3 anos, por enquanto eu fico realmente ‘em cima’ dela em tudo o que ela faz (...), procuro incluí-la nas atividades da casa, como ajudar lavar uma roupa e varrer a casa. (P19)”

“Eu tento ser mais próxima dos meus filhos, evito ser violenta, evito falar palavras que os ponham pra baixo, mas acho que isso é um tanto automático, e tento corrigir. Tento elogiá-los. (P26)”

“Acredito que meu papel é ensinar e educar meus filhos para que eles possam crescer e ser boas pessoas na sociedade, claro que são essenciais carinho, abraços, beijos e muita conversa. (P35)”

Com relação as variáveis que influenciam nas práticas de disciplina utilizadas, duas participantes destacaram o contexto sociocultural *“Entendo que a educação sofre influência do meio que vivemos. (P30)”*; *“Atualmente os riscos em se criar um filho é maior do que na minha época. Hoje não podemos permitir por exemplo que a criança saia na rua sozinha ou brinque na rua sozinha, além dos riscos do trânsito, temos muitos outros riscos, como drogas. (P23)”* e uma relatou sobre a mudança das famílias ao longo do tempo *“Temos famílias completamente diferentes hoje em dia. Não podemos passar a diante coisa que talvez recebemos dos nossos pais e que fora recebido por eles pelos nossos avós é assim em diante. (P6)”*.

Outro assunto que apareceu nos relatos de quatro participantes foi sobre a dificuldade de educar os filhos. Os dois relatos a seguir referem-se ao excesso de

informação que não trazem contribuições construtivas para os pais quando se trata da educação dos filhos: *“Não é fácil educar uma criança atualmente. É muita informação e muito palpite e sempre alguém achando que o modo dela pensar é melhor que o modo do outro. (P19)”*; *“Antes de me tornar mãe, li muito sobre educação e diversos assuntos sobre crianças. Notei que a maioria vale para as crianças dos outros, quando se trata do meu filho não passam de teorias bonitinhas. (P30)”*. Uma participante destacou as características dos filhos e a dificuldade enfrentada pelos pais para lidar com isso: *“Educar é um grande desafio (...). As crianças são desafiadoras, elas testam limites, enfrentam, fazem birra... Também não quero errar por ser muito permissiva. Vivo em conflito, às vezes grito. Tem horas que dá vontade de sair correndo. É bem difícil ser mãe. (P26)”*.

3.7 Grupo focal

As participantes tinham 28 e 35 anos, se identificavam como heterossexuais, tinham ensino superior completo, eram de etnia branca e de classe econômica A. As duas participantes tiveram uma ascensão de nível econômico e educacional significativa em relação aos pais. Uma das participantes era estudante de pós-graduação e a outra trabalhava em período parcial. Ambas as participantes tinham 2 filhos com idade entre 2 e 5 anos.

Os relatos obtidos no encontro do grupo focal foram transcritos e analisados através da codificação, para distinguir os temas gerais apresentados, seguido do agrupamento dos códigos que possuem assuntos em comum em categorias (ver Tabela 5). No total, foram obtidos 20 códigos que foram separados em 6 categorias. A categoria que agrupou o maior número de códigos foi “Fatores que contribuíram para o rompimento do ciclo intergeracional”, somando 43 no total. Logo após ficou a categoria “Depois do rompimento” com 31 códigos, seguida de “Antes do rompimento” com 15 códigos, “Parentagem dos pais” com 7, “Contexto sociocultural” com 6 e “Manutenção do ciclo intergeracional” com 2 códigos.

Tabela 5
Categorias e descrição dos códigos do grupo focal

Categoria	Código	Descrição	Frequência nos relatos
Fatores que contribuíram para o rompimento do ciclo intergeracional	Opinião sobre disciplina	Opinião dos participantes sobre a disciplina de modo geral e sobre as práticas recebidas na infância e exercidas pelo parceiro	15
	Característica dos filhos	Particularidades de cada criança e como as participantes lidam com isso	11
	Acesso à informação	Acesso à informação de como educar os filhos através de pediatras, psicólogos e redes sociais	8
	Momento em que conheceu a disciplina positiva	Episódio com os filhos que fez com que a participante procurasse ajuda	7
	Avaliação da própria parentalidade	Avaliação da participante da própria parentalidade em relação aos seus filhos	2
Depois do rompimento	Suporte do parceiro	Comportamentos do parceiro que dão suporte para a participante ou comportamentos da participante que dão suporte ao parceiro em relação a educação dos filhos	13
	Explicar e ensinar	Explicar as regras para a criança e demonstrar a coisa certa a ser feita	5
	Distração	Redirecionar a atenção da criança em resposta a um mau comportamento	4
	Disciplina positiva	Opinião sobre a disciplina positiva e não emissão de práticas coercitivas	3
	Tarefa como punição	Dar a criança tarefas extras como consequência ao mau comportamento	3
	Recompensa	Dar a criança um presente quando ela emite um bom comportamento	2
	Ignorar comportamento inadequado	Ignorar a criança quando ela estiver emitindo um mau comportamento	1
Antes do rompimento	Punição física	Dar palmadas ou bater com o chinelo quando a criança apresenta um mau comportamento	7
	Falta de suporte do parceiro	Inconsistência entre as práticas parentais da participante e do parceiro, divisão desequilibrada da responsabilidade de educar os filhos e pouca compreensão em relação às dificuldades da maternidade	5
	Violência psicológica	Ameaçar bater na criança diante de um mau comportamento	2
	Reforçar comportamento inadequado	Ceder aos desejos da criança quando ela faz birra	1
Parentagem dos pais	Práticas recebidas na infância	Práticas de disciplina parentais emitidas pela mãe da participante e pela mãe do parceiro na infância	7
Contexto sociocultural	Feminismo	Mudanças em relação a maternidade que surgiram a partir do movimento feminista	1

	Maternidade	Dificuldades enfrentadas na maternidade e mudanças em relação à amamentação em público	5
Manutenção do ciclo intergeracional	Falta de informação	Não saber da existência de práticas parentais alternativas à punição física	2

Em relação às práticas parentais recebidas, a participante um (P1) relatou ter recebido em sua infância práticas parentais que se aproximam do modelo permissivo, avaliando negativamente a parentagem dos pais, como pode ser visto no trecho a seguir *“Eu nunca apanhei dos meus pais. Raríssimas vezes eu lembro de ter tomado alguma surra, mas porque eu mereci mesmo. Mas assim, eu sou o outro extremo né, eu não tive muitos limites, eu não apanhei muito, eu sou filha única, então também tem essa, o outro extremo também não foi legal (P1)”*. A participante também comentou sobre a parentagem recebida pelo parceiro, que se aproximava do modelo autoritário: *“O meu marido apanhou muito e ficou de castigo. Ele ficou preso na casinha do gato, a mãe dele saía e trancava ele na casinha do gato pra ele não sair na rua (P1)”*.

Já a participante dois (P2) relatou ter recebido práticas parentais que se aproximam do modelo autoritário e avaliou-as de forma negativa: *“Eu sofri muita violência da minha mãe. Ela me batia muito, muito. Ela me colocava de castigo, pegava aquelas mangueira e batia, sabe? Então eu acho que eu vivenciei isso, de repente ficou aquilo machucado e isso me incomodava (P2)”*. O parceiro desta participante também recebeu práticas coercitivas na infância, entretanto avaliou-as de forma positiva: *“Meu marido fala ‘minha mãe sempre me bateu’ e ele fala até isso com orgulho ‘minha mãe sempre me bateu e olha o que eu virei’ (P2)”*.

As práticas de disciplina utilizadas com os filhos podem ser divididas em dois momentos: antes e depois do rompimento do ciclo intergeracional. A participante um relatou que antes do rompimento ela não tinha suporte do parceiro, reforçava o comportamento de birra das crianças e utilizava de punição física e agressão psicológica para corrigir o mau comportamento dos filhos: *“Já bati neles uma vez com o chinelo e aí quando eles tão muito assim a gente fala ‘olha, vou precisar pegar o chinelo? Não? Então para!’ aí eles já param (P1)”*. A participante dois relatou não concordar com o uso das práticas coercitivas para educar os filhos, mas que não conhecia outras estratégias de disciplina para corrigir mau comportamento: *“Eu já não concordava com essa violência, mas eu não sabia como fazer (P2)”*. Além disso, a participante dois relatou que o parceiro

usava a punição física como estratégia de disciplina para educar os filhos: *“A violência, a agressão, o uso da violência pra que, por exemplo, meu filho ficasse quieto (P1)”*.

As duas participantes passaram por adversidades familiares que as levaram a buscar ajuda profissional de psicólogos. A participante um relatou ter enfrentado um problema com a cunhada que os levou para a terapia familiar. Neste cenário a psicóloga deu instruções sobre a disciplina positiva o que contribuiu para as mudanças das práticas parentais: *“A psicóloga deu um material pra gente ler pra trocar os reforços (P1)”*. Outro fator que apareceu no relato da participante que contribuiu para que ela buscasse informação sobre a educação dos filhos foi as características das crianças. Segundo esta participante, os filhos reagiam de forma diferente às práticas parentais que ela utilizava. Dessa forma, a identificação de qual reforço é mais eficiente para cada criança auxiliou o uso de práticas parentais indutivas.

A participante dois relatou ter enfrentado um episódio grave com o filho, o que a fez procurar ajuda de um profissional capacitado. Além disso, ela também estava preocupada com a parentagem agressiva que o pai exercia sobre o filho: *“Aconteceu uma coisa bem forte, ele tinha três anos e meio e ele quebrou a TV. (...) A maneira que ele tratava nosso filho me incomodava e aí eu fui atrás de psicóloga. Mas que eu descobri a disciplina positiva foi nesse episódio. (P2)”*. A avaliação das duas participantes sobre a própria parentagem permitiu que elas identificassem que havia necessidade de intervenção.

Além do psicólogo, ambas as participantes relataram ter recebido informações sobre a educação dos filhos através de pediatras no contexto do nascimento do segundo filho. A participante dois relatou que também acessa esse tipo de informação pelas redes sociais como Instagram em que profissionais da área compartilham essas informações *online*: *“Tem a Elisama Santos, que ela é bem famosa, ela aplica a disciplina positiva, ela tem um livro sobre educação não violenta, eu comecei a seguir ela no Instagram e comecei a me identificar muito (P2)”*.

Depois do rompimento do ciclo intergeracional, a participante um relatou ter mudado as práticas parentais utilizadas com os filhos, tendo mais suporte do parceiro e mostrando-se adepta à disciplina positiva: *“É um processo, eu to passando por muitas mudanças, muita informação, muito conhecimento, e eu percebo que isso tá influenciando muito o meu marido, que ele nunca foi muito assim participativo. Tudo era eu, agora é responsabilidade dele também (P1)”*. Em seus relatos, esta participante descreveu o uso das

práticas parentais de recompensa, distração, ignorar comportamento inadequado e tarefa como punição.

Da mesma forma a participante dois relatou que teve mais influência sobre o parceiro depois do acesso à informação. Em suas descrições a participante dois também demonstrou ser adepta à disciplina indutiva e utilizar práticas parentais como explicar e ensinar, distração e recompensa: *“Eu tava no curso que ele vai comigo de quarta-feira e ele começou a chorar muito. Ele tava na área kids e gritava “eu perdi mãe” e chorando muito (...). Eu com toda calma do mundo ‘vamos dar uma volta’, aí eu saí pelo corpo de bombeiros, mostrei o caminhão do bombeiro até ele se acalmar assim (P2)”*.

Por fim, as participantes relataram sobre as dificuldades da maternidade e a responsabilidade colocada apenas na mãe da educação dos filhos: *“A nossa sociedade não é igualitária, então isso acaba trazendo essa carga mental pra mãe e ela tem que poder caminhar. Porque a sociedade acha que a gente tem que fazer tudo (P2)”*. A participante um também comentou sobre as mudanças que ocorreram em relação à amamentação e atribuiu elas ao movimento feminista em que as mulheres reivindicaram seus direitos: *“E eu acho que depois que teve esse boom aí, que saiu no jornal, fez aquele escarcéu o pessoal fingia que não via (amamentação), eles nem respiravam do meu lado. Então eu acho que teve uma mudança, mulherada foi pra frente, colocou a boca no trombone e tão brigando pelos seus direitos né (P1)”*.

4 DISCUSSÃO

Considerando o objetivo geral do presente trabalho, verificar as variáveis relacionadas à intergeracionalidade das práticas de disciplina parentais, pode-se identificar a partir dos dados coletados que, de forma geral, os participantes tenderam a romper com o ciclo intergeracional das práticas de disciplina parentais relacionadas à disciplina coercitiva e a manter as práticas de disciplina indutivas, o que pode ser observado a partir das correlações entre as práticas de disciplina recebidas e as utilizadas.

A única prática de disciplina coercitiva que teve correlação positiva e estatisticamente significativa, indicando manutenção da prática, foi *tarefa como punição*, aplicada pelos pais na intenção de consequenciar o comportamento inadequado dos filhos (Patterson, Reid & Dishion, 1992). Apesar de ser considerada uma prática coercitiva, no sentido em que ela reforça o poder parental e tende a coagir a criança a adequar seu comportamento (Hoffman, 1975, 1994), tal comportamento, ao ser comparado com a punição física, abuso emocional e retirada de privilégios, a tende a ser avaliada como positiva, educativa e, desse modo, mais aceita socialmente.

Já as disciplinas indutivas que apresentaram correlações positivas e estatisticamente significativas foram *ignorar comportamento inadequado*, *recompensa* e *monitoria*. Embora ignorar comportamento inadequado pode ser benéfico até certo ponto, Patterson, Reid e Dishion (1992) alertam que em excesso ele pode se tornar prejudicial. Essa prática deve ser utilizada para diminuir a frequência do comportamento inadequado mantido pela atenção parental e para ajudar a criança a discriminar a diferença da reação parental ao comportamento apropriado e inapropriado. Entretanto, ao aplicar tal estratégia de disciplina os pais devem estar preparados para o aumento da frequência do comportamento em um primeiro momento, além de estarem atentos para não ignorar comportamentos perigosos ou destrutivos que as crianças podem emitir para buscar a atenção dos pais (Marinho, 2002). Ademais, a prática ignorar comportamento inadequado deve ser combinada com outras práticas indutivas, como, por exemplo, explicar e ensinar. A experiência de crianças em que os pais apresentam alta frequência em ignorar comportamento inadequado e alta frequência em explicar e ensinar é diferente da experiência da criança em que os pais têm alta frequência em ignorar comportamento inadequado e baixa frequência em explicar e ensinar (Strauss & Fauchier, 2007), pois os primeiros, ao explicar e ensinar, demonstram preocupação e afeto aos filhos, enquanto os segundos podem ser vistos como frios e negligentes.

A *monitoria* é uma prática de disciplina relacionada ao estabelecimento de expectativas de desempenho, cobrança e da disciplina consistente e contingente (Pacheco, Silveira & Schneider, 2008), podendo ela ser positiva ou negativa (Gomide, 2003). A monitoria positiva envolve atenção e conhecimento dos pais a respeito de onde o filho está e quais atividades ele está realizando, além de demonstrações de afeto e carinho pelos pais, especialmente nos momentos de maior necessidade das crianças (Gomide, 2003). Por outro lado a monitoria negativa, ou supervisão estressante, ocorre quando os pais fiscalizam em excesso as atividades dos filhos, dão uma grande quantidade de instruções repetitivas que comumente não são seguidas (Gomide, 2003). Como consequência, a utilização dessa prática tende a produzir um clima familiar negativo, com hostilidade e sem diálogo entre pais-filhos, com os últimos tentando evitando fala sobre as sua privacidade (Sampaio & Gomide, 2007).

Destarte, pode-se concluir que os participantes tenderam a manter as práticas de disciplina avaliadas pelos mesmos como positivas da parentagem recebida ($M= 3,51$, $DP=1,17$; em uma escala likert de 1 a 5). Os resultados mostraram que os participantes tiveram uma avaliação mais próxima de positiva da parentagem dos pais e eles consideraram, em sua maioria, que foram tratados de forma justa, o que pode ter contribuído para a manutenção de algumas dessas práticas. Hennig (2008) constatou que a presença de memórias de relações afetivas na infância mostrou-se relacionada a práticas consideradas positivas, tais como supervisão parental e comportamento moral. Assim, a forma como as pessoas avaliam a maneira como foram criadas pode influenciar na continuidade do ciclo intergeracional (Shaffer et al., 2009).

Quanto ao rompimento das práticas de disciplina, este pode estar relacionado à mudança socioeconômica e ao acesso a informações sobre educação dos filhos observada entre os participantes e a geração anterior. A maioria dos participantes tinha alta escolaridade (65,8% tinha ensino superior completo) e 88,6% foram classificados como pertencentes as classes A e B2 (88,6%) a partir do Critério Brasil (IBGE, 2016). Já os genitores dos participantes apresentavam níveis de escolaridade, em uma maior parcela, relativa ao ensino fundamental incompleto (34,6% mães e 40% pais), sendo que a maioria dos participantes (60%) consideraram que os pais tinham um pouco ou muito menos recursos financeiros do que eles tinham na época da coleta de dados. O fato dos participantes terem mais acesso à informação e melhores níveis de escolaridade faz com

que tenham consciência de como devem interagir na relação pais-filhos, dando prioridade para as práticas indutivas e evitando as coercitivas (Bem & Wagner, 2006).

Em relação ao acesso à informação, os resultados apontaram que os pediatras foram mais consultados do que os psicólogos sobre como educar os filhos. Isso mostra a importância do pediatra para a divulgação de informações científicas aos pais para auxiliá-los a promover um desenvolvimento saudável aos filhos. O pediatra é o profissional da saúde que tem contato mais frequente com os pais desde o nascimento dos filhos, visto que os pais vão consultar-se com esse médico para avaliar a saúde do filho e é nesse momento que o profissional pode orientá-los sobre as práticas mais adequadas a se utilizar. Além disso, o pediatra pode ser o único profissional a ter contato regular com crianças vítimas de violência antes que elas ingressem na escola, tendo capacidade para reconhecer as características emocionais, do desenvolvimento, educacionais e físicas e identificar as subsequentes alterações decorrentes da violência sofrida (Kairys & Johnson, 2002).

O pediatra pode, sem se desviar muito da sua rotina, identificar famílias de risco e atuar na prevenção (Ferreira, 2005). Além disso, esse profissional pode ajudar os pais a desenvolverem uma percepção real da criança, ensinando-os sobre suas possibilidades e necessidades, orientando-os preventivamente sobre as consequências das práticas de disciplina coercitiva no desenvolvimento da criança (Kairys & Johnson, 2002). Esses são exemplos de ações que podem auxiliar na construção de um ambiente saudável para a família e para o desenvolvimento das crianças, as quais se tornarão futuros cuidadores (Merrick & Browne, 1999).

Quanto as figuras parentais, os resultados mostraram um desequilíbrio nos papéis maternos e paternos em cinco momentos: 1) maior atribuição da figura materna à mãe biológica do que ao pai biológico; 2) maior responsabilidade da educação dos filhos à figura materna do que à paterna durante a infância; 3) mais correlações significativas entre as práticas utilizadas pelo participante e as práticas recebidas da mãe do que do pai; 4) maiores médias em relação à frequência das práticas parentais utilizadas pela mãe em relação às médias do pai; e 5) maior participação de mães do que de pais na pesquisa.

Em relação aos itens relativos a avaliação dos participantes quanto a participação das mães e pais, com as mães tendo participado mais do que os pais na educação dos participantes, tal dado vai ao encontro da literatura da área que indica a questão de gênero associada a esse aspecto. A mulher tradicionalmente suporta a carga das responsabilidades da criação dos filhos e espera-se que elas saibam naturalmente como serem boas mães

(Walsh, 2016). Na comparação intergeracional fica evidenciado um papel de maior destaque da figura materna na contribuição da educação dos filhos, sugerindo que a função da mãe seja mais sólida e próxima do que a do pai (Vitali, 2004). Ademais, este autor verificou que o estilo parental adotado pelas mães tende a ser passado com maior frequência.

No presente estudo pode-se observar uma mudança geracional na avaliação dos participantes quanto a participação dos companheiros na divisão das tarefas de educação dos filhos. Quanto a participação dos genitores na infância, a maioria considerou que a mãe tinha muito mais responsabilidade em sua disciplina do que o pai (54,3%) durante sua infância e que as responsabilidades pelo filho eram divididas igualmente entre os genitores da criança (65,7%). Apesar dos dados mostrarem que os homens participam cada vez mais da assistência aos filhos e do trabalho doméstico (Sayer, 2005), ainda há inúmeros estudos que documentam que as mulheres na verdade trabalham mais horas do que os homens quando combinado trabalho remunerado, trabalho doméstico e cuidados dos filhos (Coltrane, 2000; Bianchi & Milkie, 2010). Essa atribuição que ainda ocorre da responsabilidade dos cuidados básicos e rotina diária dos filhos à mãe pode explicar o maior número de participantes mulheres no presente estudo (Soares, Souza & Marinho, 2004), as quais podem se sentir mais responsabilizadas e inclinadas a refletir sobre a educação dos filhos.

Outro ponto importante de ser destacado refere-se aos resultados relativos a autoavaliação dos participantes quanto as praticas recebidas e utilizadas, uma vez que os participantes podem ter respondido na tentativa de se valorizar de acordo com o que acreditam ser socialmente valorizado (Dunning & Cohen, 1992). Além disso, ao responder as questões sobre os pais, os participantes tiveram que evocar memórias da sua infância. Uma limitação do instrumento retrospectivo é que o participante pode esquecer de fatos importantes para o estudo, exagerar ou confundir-se nos relatos, comprometendo a fidedignidade dos dados (Hossne, 1984).

O presente estudo contou com outras limitações como o número reduzido de participantes tanto na pesquisa *online* quanto para o grupo focal. Ademais, o meio de recrutamento por redes sociais pode ter selecionado uma parcela muito específica da população. Smith, King e Olver (2013) alertam para a possibilidade da amostra da coleta

online ser composta privilegiando sujeitos com maiores níveis de instrução, criando um viés.

Estudos futuros podem recrutar mais participantes focando em atingir um equilíbrio entre o número de mães e de pais, bem como considerar a variável sobre a característica dos filhos como um fator que pode influenciar na manutenção ou no rompimento do ciclo intergeracional das práticas parentais. Apesar de não ter sido explorado nesse estudo, esse fator apareceu tanto nos relatos das participantes do grupo focal, quanto nos dos participantes que responderam as questões abertas. Tal achado fortalece a concepção de que as práticas educativas parentais são um processo recíproco que envolve características da criança e de seus pais, conforme já havia sido sugerido por autores nacionais e internacionais (Belsky, 1984; Biasoli-Alves, 1997).

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. Em H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição* (pp.54-60). São Paulo: Esetec.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2003). Práticas educativas maternas e a interação entre mães e crianças com problemas de externalização. *Aletheia*, 17/18, 7-20.
- Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11.
- Backes, D. S. et al. (2011). Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 35, n. 4, 438-422.
- Bailey, J. A., Hill, K. G., Oesterle, S., & Hawkins, J. D. (2009). Parenting practices and problem behaviors across three generations: monitoring, harsh discipline, and drug use in the intergenerational transmission of externalizing behavior. *Developmental Psychology*, 45, 1214-1226.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. New York: General Learning Press.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: contemporary issues. *Agression and Violent Behavior*, 2(4), 321-35.
- Belsky, J., Jaffee, S. R., Sligo, J., Woodward, L., & Silva, P. A. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitive-stimulating parenting: a prospective study of mothers and fathers of 3-years-olds. *Child Development*, 76, 384-396.
- Bem, L. A. & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 11(1), 63-71.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.

- Bianchi, S. M., & Milkie, M. A. (2010). Work and family research in the first decade of the 21st century. *Journal of Marriage and Family*, 72, 705–725.
- Biasoli-Alves, Z. M. M., Caldana, R. H. L., & Silva, M. H. G. F. D. (1997). Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7, 49-62.
- Biasoli-Alvez, Z. M. M. (2002). A questão da disciplina na prática de educação da criança no Brasil ao longo do século XX. *Veritati*, 2(2), 243-259.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia*, 21(48), 61-71.
- Caminha, R. (2000). A violência e seus danos à criança e ao adolescente. In Amencar, Violência doméstica (pp. 43-60). Brasília: UNICEF.
- Capaldi, D. M., Pears, K., Patterson, G. R., & Owen, L. D. (2003). Continuity of parenting practices across generations in an at-risk sample: A prospective comparison of direct and mediated associations. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 127-142.
- Cassoni, C. (2013). Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura. Dissertação de Mestrado - FFCLRP, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Cecconello, A., De Antoni, C., & Koller, S. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(Esp), 45-54.
- Coltrane, S. (2000). Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1208–1233.
- Costa, A. E. (2008). Modelação. In A. Bandura, R. Azzi, & S. Polydoto. *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, Fabiana T. da, Teixeira, Marco A. P., & Gomes, William B.. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000300014>

- Dunning, D., & Cohen, G. L. (1992). Egocentric definitions of traits and abilities in social judgment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 341-355.
- Egeland, B., Jacobvitz, D., & Sroufe, L.A. (1988). Breaking the cycle of abuse. *Child Development*, 59 (4), 1080- 1088.
- Ferreira, A. L. (2005). Acompanhamento de crianças vítimas de violência: desafios para o pediatra. *Jornal de Pediatria*, 81 (5).
- Garmezy, N. (1985). Stress-resistant children: the research for protective factors. In: J. E., Stevenson (Org.). *Aspects of Current Child Psychiatry Research*. Oxford: Pergamon.
- Galinsky, E., Aumann, K., & Bond, J. T. (2009). Times are changing: Gender and generation at work and at home: The 2008 National Study of the Changing Workforce. New York: Families & Work Institute.
- Gerson, K. (2010). The unfinished revolution: How a new generation is reshaping family, work, and gender in America. New York: Oxford University Press.
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento anti-social. In: A. Del Prette e Z. Del Prette (orgs). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção*. Campinas: Alínea.
- Gomide, P. (2006). Inventário de estilos parentais – IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gomide, P.; Salva, C. Pinheiro, D., & Sabbag, G. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10(2), 169-178.
- Gomide, P. (2008). Pais presentes, pais ausentes: regras e limites. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hennig, F. (2008). Relação entre práticas educativas parentais e memórias de cuidado na infância. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11, 228-239.

- Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Hennig, F. (2008). Relação entre práticas educativas parentais e memórias de cuidado na infância. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Hossne, W. S. (1984). *Metodologia Científica: para a área da saúde*. São Paulo, Unicamp.
- Hutz, C. (2005). *Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kairys, S. W., & Johnson, C.F. (2002). Committee on Child Abuse and Neglect. The psychological maltreatment of children technical report. *Pediatrics*, 109, 68.
- Kobarg, A. P., Sachetti, V., & Vieira, M. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 96-102.
- Kobarg, A. P., & Vieira, M. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 21(3), 401-08.
- Lundberg, M., Perris, C., Schlette, P., & Adolfsson, R. (2000). Intergenerational transmission of perceived parenting. *Personality and Individual Difference*, 28 (5), 865-877.
- Maldonado, D., & Williams, L. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 353-62.
- Marin, A. H., Martins, G., Freitas, A. P., Silva, I., Lopes, R. C., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão intergeracional de práticas educativas parentais: evidências empíricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29 (2), 123-132.
- Marinho, M.L. (2002). Un programa estructurado para el entrenamiento de padres. In V.E. Caballo & M.A. Simón (Eds.), *Manual de psicología clínica infantil y del adolescente. Trastornos específicos* (pp. 417-443). Madrid: Pirámide.

- Martins, G. (2009). Influência do apoio social sobre crenças e práticas maternas em capitais e pequenas cidades brasileiras. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Merrick, J., & Browne, K. D. (1999). Child abuse and neglect a public health concern. *Public Health Ver.* 27, 279-93.
- Minayo, M. C. S; Gomes, R. & Deslandes, S. F. (1993). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. Editora Vozes, 25ª edição, 79-108.
- Mondin, E. M. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumentativa*, 26 (54), 233-244.
- Morais, N. A. (2009). Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: entre o risco e a proteção. Porto Alegre - RS. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (p. 241).
- Moreira, L., Biasoli-Alves, Z. (2006). A avaliação de mães sobre suas práticas de educação de filhos em dois contextos brasileiros. *Ciência, cuidado e saúde*,5(2), 175-183.
- Newcombe, N. (1999). Socialização no cenário da família. In N. Newcombe (Ed.), *Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen* (pp. 336-363). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 15, 1-11.
- Pacheco, J. B., Silveira, L. B. & Schneider, A. A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39 (1), 66-73
- Patias, N. D., Siqueira, A. C. & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 21 (1), 29-40.
- Patterson, G. R., Reid, J. B., & Dishion, T. J. (1992). *Antisocial boys: A social interactional approach* (Vol. 4): Castalia Publishing Company.

- Pontes, L. B. (2015). Avaliação da eficácia de programa de capacitação parental universal (ACT) pelo uso da observação. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 69pp.
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em C. H. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp.9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In C. Hutz. *Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Saldaña, M. R. R., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2002). A importância da teoria da aprendizagem social na constituição da área do treinamento de habilidades sociais. In: Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B., Queiroz, P. P., & Scoz, M. C. (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento* (pp. 269-283). Santo André: ESETec.
- Sampaio, I.T.A. & Gomide, P.I.C. (2007) Inventário de Estilos Parentais (IEP) – Gomide (2006) percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15-26.
- Sayer, L. C. (2005). Gender, time, and inequality: Trends in women's and men's paid work, unpaid work, and free time. *Social Forces*, 84, 285–303.
- Shaffer, A., Burt, K. B., Obradovic, J., Herbers, J. E., & Masten, A. S. (2009). Intergenerational continuity in parenting quality: The mediating role of social competence. *Developmental Psychology*, 45, 1227-1240.
- Simons, R. L., Whitbeck, L. B., Conger, R. D., & Chyi-In, W. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Developmental Psychology*, 27, 159-171.
- Soares, M. R. Z; Souza, S. R., & Marinho, M. L. (2004). Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudos em crianças. *Estudos em Psicologia*, 21(3), 253-260.
- Straus M. A. Fauchier A. (2007). *Manual for the Dimensions of Discipline Inventory (DDI)*. Durham, NH: Research Laboratory, University of New Hampshire.

Vitali, I. (2004). Como nossos pais? A transmissão intergeracional dos estilos parentais.

Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Walsh, F. (2016) Processos normativos da família: diversidade e complexidade. *Artmed*, 4, 194-149.

Weber, L. (2007). Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites. 2ª ed. Revista e atualizada. Curitiba: Juruá.

Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004) Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.

Weber, L., Selig, G. A., Bernardi, M., & Salvadori, A. P. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações - transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16 (35), 407-414.

ANEXO 1

Questionário sobre Intergeracionalidade

1. Leia as opções abaixo e selecione a opção que mais se aproxima do estilo parental utilizado por seus pais na sua infância:

- Negligente: distante, ausente, passivo, desinteressado
- Autoritário: rigidez, punição, “porque sim”, autocrático
- Participativo: padrões, flexibilidade, assertivo, suporte
- Permissivo: leniente, regras difusas, leve demais, o filho manda

2. Leia as opções abaixo e selecione a opção que mais se aproxima do estilo parental utilizado por você para educar seus filhos:

- Negligente: distante, ausente, passivo, desinteressado
- Autoritário: rigidez, punição, “porque sim”, autocrático
- Participativo: padrões, flexibilidade, assertivo, suporte
- Permissivo: leniente, regras difusas, leve demais, o filho manda

3. Por qual meio você teve acesso à informação de como cuidar, educar e disciplinar seus filhos? Selecione todos os meios de informação que você teve contato.

- Mãe, avó, sogra ou outros parentes da família
- Amigos que já tiveram filhos
- Artigos científicos que tratavam sobre o assunto
- Congressos, palestras ou cursos que tratavam sobre o assunto
- Pediatras ou outros médicos
- Psicólogos
- Outro profissional capacitado
- Outra pessoa
- Não tive nenhum acesso à informação sobre esse assunto
- Outros: _____

4. O seu parceiro discorda da maneira como você corrige o comportamento inadequado de seu filho?

- Nunca
- Quase nunca
- Às vezes
- Geralmente
- Sempre ou quase sempre

5. Você discorda da maneira como o seu parceiro corrige o comportamento inadequado de seus filhos?

- Nunca
- Quase nunca
- Às vezes
- Geralmente
- Sempre ou quase sempre

6. Você muda de opinião depois de conversar com seu parceiro sobre a maneira de disciplinar seus filhos?

- Nunca
- Quase nunca
- Às vezes
- Geralmente
- Sempre ou quase sempre

7. O seu parceiro tem uma concepção diferente da sua na educação de seus filhos?

- Nunca
- Quase nunca
- Às vezes
- Geralmente
- Sempre ou quase sempre

8. Você considera que seus pais te tratavam de forma justa?

- Nunca
- Quase nunca
- Às vezes
- Geralmente

o Sempre ou quase sempre

9. De 1 a 5, como você avalia as práticas de disciplina que seus utilizaram na sua infância, sendo 1 insatisfatórias e 5 satisfatórias?

Insatisfatórias 1 2 3 4 5 Satisfatórias

10. Você repete com seus filhos as mesmas práticas de disciplina que seus pais utilizaram na sua infância?

o Nunca

o Quase nunca

o Às vezes

o Geralmente

o Sempre ou quase sempre

11. Quais desses fatores você considera que influenciaram para o rompimento com as práticas de disciplina utilizadas pelo seus pais na sua infância? Você pode selecionar mais de uma alternativa.

o Houve uma mudança no modelo de família

o Tive acesso a novas informações

o Meu parceiro me influenciou

o Mudei de nível socioeconômico/educacional em relação aos meus pais

o No geral, avalio de forma negativa as práticas de disciplina utilizadas pelos meus pais

o Nenhuma das alternativas

o Outros: _____

12. Quais desses fatores você considera que influenciaram para a continuidade das práticas de disciplina utilizadas pelos seus pais na infância? Você pode selecionar mais de uma alternativa.

o Mantive o modelo de família

o Não tive acesso a novas informações

o Meu parceiro tem a mesma opinião que a minha em relação à disciplina dos filhos

o Mantive o nível socioeconômico e/ou educacional dos meus pais

o No geral, avalio de forma positiva as práticas de disciplina utilizada pelos meus pais

o Nenhuma das alternativas

o Outros: _____

13. Caso queira compartilhar, descreva mais detalhadamente abaixo suas experiências sobre parentagem:
